

JEAN LEMAIRE DE BELGES — *Les épîtres de l'amant vert*. Edição crítica publicada por JEAN FRAPPIER. Lille-Genève, Librairies Giard-Droz, 1948. XLIX + 102 pp.

O Prof. Jean Frappier, da Universidade de Estrasburgo, trouxe recentemente a lume, em edição crítica, a obra poética de Jean Lemaire de Belges intitulada *Les épîtres de l'amant vert*, constituída por duas epístolas em verso decassilabo, dirigidas à duquesa de Sabóia, Margarida de Áustria. Os dois poemas foram compostos em 1505, provavelmente na segunda metade deste ano, — o primeiro na época em que a duquesa se afastou da sua corte de Sabóia, a fim de, em companhia do pai, viajar no centro da Europa, e o segundo um pouco mais tarde, quando o ano já ia no seu termo. Ora as epístolas divulgaram-se, a princípio, manuscritas, nas cortes e castelos da França e da Flandres e, porque por toda a parte

foram lidas com a maior curiosidade, a obra completa imprimiu-se em 1511, na oficina de Etienne Baland (Lião), acrescida de uma carta dedicatória a Jean Perréal, amigo do autor e muito estimado na corte da rainha Ana de Bretanha.

Das *Epitres* existiam duas versões manuscritas, uma das quais se conserva na Biblioteca Nacional de Viena (Cód. Palat. 2612) e outra na Biblioteca Nacional de Paris (n.º 24038: fundo francês). Parece que, dada a presença de Jean Lemaire em Lião em 1511, a primeira impressão foi dirigida pelo autor, que aproveitou o ensejo para retocar o texto. Outras edições apareceram no decurso do século XVI, entre as quais é mais conhecida e tem sido mais utilizada a de 1549, empreendida por Antoine du Moulin (Lião). A lista completa das edições quinhentistas foi organizada por K. M. Munn no seu estudo *A contribution to the study of Jean Lemaire de Belges* (Nova Iorque, 1936). Nos tempos modernos, citam-se como edições mais importantes a de Stecher, que segue fielmente a de 1549, e a de E. Lommatzch, fundada na edição original. Ao passo que este último editor considerou as variantes do texto das edições de 1528 e 1549, mas não leu as primeiras versões manuscritas a que já aludimos, Stecher mal se preocupou com tal ilustração. Ora Jean Frappier não se limitou a conferir a mais importante edição do séc. XVI: examinou a 1.ª edição e consagrou um minucioso estudo ao manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris, sem recuar perante as numerosas dificuldades que oferecia esta leitura. Todos estes cuidados na utilização e no cotejo dos textos impressos e manuscritos permitiram estabelecer uma lição correcta e esclarecer até os motivos das alterações introduzidas nos textos manuscritos e impressos.

Pelo que respeita aos manuscritos, examinou o Prof. Frappier somente o que se conserva em Paris, mas Becker, por seu turno, já anteriormente havia estudado o manuscrito da Biblioteca Nacional de Viena e publicara o apêndice da segunda epístola, no qual, segundo o *jeu courtois*, se louva a fidelidade amorosa de Margarida de Áustria numa linda alegoria poética. O Prof. Frappier, cotejando, pois, o manuscrito e os textos impressos na primeira metade do séc. XVI, pôde organizar a sua edição crítica, em que nos indica todas as variantes, excluídas apenas as ortográficas. Um trabalho do mesmo género foi empreendido por Munn, que, após um atento exame do manuscrito de Paris e da edição de 1549, apresentou também a lista das suas variantes.

A edição crítica que estamos analisando, e que se incorpora na *Collection de textes littéraires français*, abre com uma desenvolvida Introdução, à qual o Autor deu o carácter de estudo histórico e literário, e que lhe serve de pretexto para nos esclarecer quanto ao assunto dos poemas e os factos que os sugeriram e quanto às suas fontes clássicas e medievais. Na Introdução, o Prof. Frappier ocupa-se ainda de problemas literários relacionados com a obra e com a sua época e expõe os trabalhos a que se dedicou para a fixação do texto. Vem em seguida a dedicatória a Jean Perréal, *panictre et varlet de chambre ordinaire du Roy*, em que se entrevê o entusiasmo com que na corte de Ana de Breta-

nha foram lidos os versos da primeira epístola e como isto animou o autor a compor a segunda, apesar de ao tempo se encontrar preocupado com o acabamento do livro *Illustrations et singularitéz*. Após a dedicatória, é-nos oferecido o texto, acompanhado, ao fundo de cada página, das variantes, convenientemente numeradas em referência aos versos, também numerados. O texto vem acrescido de dois apêndices que aparecem nas versões manuscritas, dos quais o primeiro se compõe de vinte e oito decassílabos a intercalar após o verso 368 da primeira epístola e o segundo desde o verso 542, no fim da segunda epístola. Ao texto seguem-se numerosas notas explicativas do sentido, e que muito facilitam a sua interpretação, incutindo-nos o sentimento da beleza formal e permitindo-nos devassar os segredos de versificação que abundam no texto e penetrar no mundo de ideias, de convenções e de gostos do tempo. Essas notas explicativas, que são em grande número (contam-se 165), revelam, a par de um largo conhecimento dos assuntos históricos e literários, uma leitura muito demorada de Jean Lemaire e dos seus contemporâneos. São ainda preciosas as informações bibliográficas que nelas se nos deparam.

Dá-nos depois o erudito editor uma bibliografia sumária, que reparte pelos assuntos seguintes: i) *edições*; ii) *vida e obras de Jean Lemaire de Belges*; iii) *a influência exercida por Margarida de Áustria*; iv) *as fontes*; v) *a hagiografia*; vi) *a história da música*; vii) *a lingua e a versificação*. A fechar, um glossário, em que se indica a que epístola e a que apêndice pertencem os vocábulos registados e explicados, e se aponta exactamente o verso em que cada um dos vocábulos é empregado. Ao estudar certos vocábulos, o sábio Prof. Frappier, além das diversas significações que regista, menciona velhos documentos literários, extractando os passos em que o vocábulo aparece com idêntico significado. Assim procedeu a respeito de muitos vocábulos, como *cauquemare*, *vert*, etc. Outras vezes abona-se com os ensinamentos colhidos em dicionários etimológicos, como o de Oscar Bloch (*Dictionnaire étymologique de la langue française*), ou em monografias bem documentadas, como a de Gerold sobre a música (*La musique au moyen âge*), ou em livros de sintaxe do antigo francês, como o de Poulet (*Petite syntaxe de l'ancien français*). Dos estudos em que se embrenhou, dos documentos a que recorreu e dos bons autores que consultou, saiu um glossário realmente esclarecedor e ilustrativo, que, valorizando a edição, tornou fácil a leitura do texto, apesar de este remontar aos primeiros anos do séc. xvi e se apresentar escrito num francês arcaico.

Já em 1947 o Prof. Jean Frappier empreendera a edição de outra obra do mesmo Jean Lemaire de Belges e, no prefácio que para ela escreveu, tratou desenvolvidamente da biografia do autor. Eis porque, na Introdução das *Epitres*, outros problemas o interessaram, como sejam, muito particularmente, os que permitem definir o carácter de documento literário de transição que distingue esta obra. De feito, se os temas humanísticos reflectidos na segunda epístola aproximam o poema do lirismo renascentista, outros aspectos, revelados na primeira epístola, o gosto da cortesia e certos temas secundários, referem a obra à velha tradição

medieval. Resulta assim justa e razoável a opinião formulada por Frappier na Introdução (pp. xxxvi e xxxvii): *Leur originalité est d'avoir le caractère mixte, ambigu et savoureux d'une œuvre de transition, à la fois médiévale et renaissante sans être ni l'une ni l'autre, d'appartenir exactement à la Prérenaissance, tout comme, dans la concorde des deux langages, l'étonnant temple de Vénus bâti dans le style d'une cathédrale gothique.*

Salientemos ainda as reflexões do editor sobre as fontes em que se apoiou visivelmente a invenção de Jean Lemaire. Aí se misturam e se cruzam a Antiguidade e a Idade Média: por um lado, adivinham-se, em passos das *Épîtres*, leituras de Ovídio (em especial das *Metamorfoses*), de Estácio, de Lucrécio e de Virgílio, e por outro a influência de Dante e de Bocácio, de trovadores e de hagiógrafos, faz-se sentir vigorosamente em muitos passos dos dois poemas, mais impregnados, porém, do espírito medieval e cristão. Outro capítulo de interesse é o que Frappier dedica ao género de epístola que tanto esteve em moda na escola dos retóricos e na nossa literatura quinhentista: tomando o género na sua origem latina, acompanha-lhe a evolução através das diversas formas que assumiu ainda entre os Latinos e segue-lhe a trajectória nos tempos medievais até ao limiar do Renascimento, — desde Ovídio a Marot.

O estudo intrínseco do género em Lemaire induziu Frappier a concluir francamente nestes termos: *Par la qualité de son inspiration et de son style, non seulement Jean Lemaire montrait la voie à Clément Marot, mais il donnait le ton de l'épître aux poètes futurs des deux générations suivantes.* (Introd., xxxi.) Assim, foi O. Saint Galais, com a sua tradução das *Heróides* de Ovídio, e foi Lemaire, com a sua epístola em verso decassilabo, que fixaram definitivamente os modelos do género entre os clássicos. Só esta circunstância justificaria cabalmente a empresa a que meteu ombros o eminente professor da Universidade de Estrasburgo, ao preparar uma edição crítica de *Les épîtres de l'amant vert*; mas acresce ainda que esta obra, pelo seu valor literário, pelo seu fundo, pelo seu estilo, pelo seu espírito e graça, encantou os melhores escritores da época e constituiu para eles, como para donas e donzelas, leitura preferida e constante.

Marot de tal modo apreciou e estimou o autor das *Épîtres*, que nele se inspirou para escrever algumas das suas epístolas e preparou depois uma edição do poeta que em grande parte seguiu nos temas, na técnica do verso e até nas predilecções de leitura latina, pois que, tanto para um como para outro, Ovídio, Catulo e Virgílio foram os autores mais lidos e mais imitados. Jean Lemaire veio um pouco antes de Marot, mas ambos se detiveram na mesma encruzilhada, de olhos voltados para o antigo e para o novo. A transição da Meia Idade para o Renascimento, ou melhor, o Pré-Renascimento, encontrou em Jean Lemaire um dos seus bons representantes. E a edição crítica das *Épîtres*, em que muito se ilustrou o Prof. Frappier, constitui precioso elemento de estudo de uma época tão cheia de interesse, mas ainda tão pouco iluminada.